

de sociedade e sociologia¹⁴, ao não distinguir a análise sociológica funcionalista (ela própria acusada de ser reducionista e simplista) da estrutura social por ela estudada. Omitir a existência de outras tradições sociológicas que, analisando as mesmas formações, construíram imagens completamente diferentes das sugeridas pelos funcionalistas, se ajuda a estabelecer o contraponto entre uma sociedade passada simples e uma sociedade contemporânea complexa, reduz o estatuto teórico desta oposição a uma mera hipótese por demonstrar.

Em suma, este livro possibilita ao público português um contacto directo com os protagonistas da tese da modernidade reflexiva. No caso de Giddens, a teoria da reflexividade institucional num contexto de sociedades pós-tradicionais é uma proposta pouco interessante do ponto de vista do rigor conceptual e da profundidade analítica. Lash, apesar da originalidade da sua perspectiva, enfrenta o mesmo tipo de dificuldades. Apresentar o exemplo de uma jogada de futebol¹⁵ para demonstrar a sua crítica à pragmática universal de Jürgen Habermas não é, com certeza, o melhor prenúncio de uma argumentação sustentada e congruente. Finalmente, Beck, a quem deve ser

atribuída a paternidade da tese da modernização reflexiva, é provavelmente o mais elaborado e sofisticado dos três autores, apresentando uma perspectiva mais objectivista do que a defendida por autores como Mary Douglas ou Jeffrey Alexander. A tese da modernização reflexiva, a noção de uma sociedade do risco e a concepção de um sujeito produto e produtor das estruturas sócio-culturais que o envolvem são aqui tratadas de forma por vezes sugestiva, mas nem sempre com o rigor devido.

Uma nota final quanto à tradução. A ausência de revisão científica («discurso da ética», em vez de «ética discursiva» ou «ética da discussão», é um exemplo¹⁶) e a própria falta de qualidade da passagem para português («guardiães», em vez de «guardiões», é um exemplo) são aspectos a rever numa futura reedição desta obra.

FILIPPE CARREIRA DA SILVA

Miguel Chaves, Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 1999, 375 páginas.

A primeira vez que ouvi falar do Casal Ventoso — depois de ver, na pessoa dos toxicodependentes que

¹⁴ «De facto, toda a noção de «sociedade» na modernidade é abstracta, caracterizada [...] pelas relações abstractas, tais como a impessoalidade, o mérito e o universalismo — que Talcott Parsons considerou serem constitutivas das normas institucionais do seu *social system*» (Lash, 2000, p. 110).

¹⁵ V. S. Lash (2000), pp. 146-147.

¹⁶ V. p. 148.

encontrei em Lisboa e noutras cidades, o problema sério que Portugal tem com o narcotráfico — perguntei-me como é que um bairro alcança um nível tão degradado e como é que os governos toleram a situação. Em *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico*, Miguel Chaves vai muito além de contar a história desse bairro e da sua degradação, apresentando também um retrato de comunidade, mostrando como funciona, o que significa para os habitantes, como é habitá-lo — e proporcionando assim a percepção da sua complexidade, para além de estereótipos e aparências.

Chaves começa esta exploração de *Casal Ventoso* no primeiro capítulo com os factos mais concretos: a localização do bairro e da sua estrutura interna. Para quem conheça Lisboa, pode parecer desnecessário entrar em tantos detalhes sobre a localização do Casal Ventoso — não é que todos sabem onde fica o *hipermercado da droga*? Mas também aqui a informação é relevante; talvez muitos lisboetas ignorem que o Casal Ventoso não é uma massa homogénea, mas que contém três divisões (p. 35). É-nos dada também a inserção do bairro na estrutura administrativa de Lisboa.

Os capítulos II-IV contêm a história do bairro propriamente dita desde o tempo em que o Vale de Alcântara tinha quintas e instalações industriais — como a Real Fábrica de Pólvora — até à época moderna. Além de contar como os primeiros edifícios do bairro moderno foram

construídos por Benjamin Cid em fins do século XIX (p. 52), o autor explora as razões que levam trabalhadores a mudar-se para o Casal Ventoso: dá-nos uma pequena história da migração urbana em Portugal nos dois últimos séculos. Para mim, como estrangeiro, o mais interessante aspecto desta história é o facto de que o bairro, embora sempre ligado aos estratos mais pobres da sociedade e lugar de criminosos, como as *famílias-seitas* (p. 76), também era um bairro de trabalhadores, sobretudo de estivadores (p. 72).

Nos capítulos V e VI, o autor passa da narrativa histórica para uma exploração da dinâmica actual do Casal Ventoso segundo o critério de «estilos de vida». Chaves nomeia três tipos de estilo de vida: o estável, o instável e o ilegal (p. 134). Mais uma vez, o autor dá-nos elementos que rompem com os estereótipos exclusivamente associados ao narcotráfico: também aqui há famílias que, como em qualquer outro lugar, vivem um quotidiano de trabalho e domesticidade.

No capítulo VII Chaves revela-nos que, ao contrário do que se passa nos bairros degradados urbanos dos Estados Unidos, onde o comércio de drogas duras é uma velha tradição, o narcotráfico só entrou recentemente no Casal Ventoso. Os primeiros focos de comércio de drogas no bairro surgiram ainda antes do período do tráfico propriamente dito, na segunda metade da década de 70. A sua dimensão era ao tempo reduzida, envolvendo um pequeno número de agregados. As substâncias comerci-

alizadas, liamba e, mais tarde, haxixe, auferiam receitas muito inferiores ao que presentemente acontece com a comercialização de heroína e de cocaína, que surgiu apenas em início da década de 80 (p. 198).

Os dois capítulos seguintes pretendem explorar a construção da *comunidade de representações*. A partir daqui adensa-se a terminologia sociológica e os capítulos tornam-se mais opacos para os leigos, não deixando, porém, de proporcionar informação importante e esclarecedora. É particularmente interessante conhecer como os habitantes enfrentam as atitudes exteriores com respeito ao bairro: alguns, valorizando as práticas do *dar à fuga* (interferir com os agentes policiais) e de *não chibar num filho de bairro*; outros, culpando aqueles mesmos agentes e a sociedade exterior por estigmatizarem o Casal Ventoso como bairro de toxicódependentes, embora existam outros bairros com problemas de tráfico e habitantes do Casal Ventoso que não traficam nem consomem drogas.

A maioria do texto foi escrita como tese de mestrado do autor e revela o seu conhecimento íntimo do bairro, onde trabalhou durante dois anos. Um único reparo, se pudesse pedir mais. Seria interessante cruzar a principal fonte de informação do autor para as histórias do bairro, os relatos dos habitantes, com outras fontes, como os arquivos jornalísticos; seria interessante comparar a visão interna e as memórias dos ha-

bitantes com matéria externa. Não obstante, o livro é bastante interessante e informativo, rompendo com o estereótipo de um bairro-da-lata português e proporcionando um retrato de comunidade.

BILL DILWORTH

Luís Vicente Baptista, Cidade e Habitação Social. O Estado Novo e o Programa das Casas Económicas em Lisboa, Oeiras, Celta Editora, 1999, 224 páginas, bibliografia, tabelas, gráficos.

A obra de Luís Vicente Baptista, que forma o condensado de uma tese, dedica-se ao aparecimento, em 1933, e à evolução até ao início dos anos 70, em Portugal, das políticas públicas em matéria de habitação social, tentando o autor identificar as respectivas linhas de força e transformações. O estudo centra-se no caso exemplar de Lisboa.

Aos quadros legislativo e administrativo, que são evolutivos e regulam as modalidades e os critérios de atribuição das habitações sociais, junta-se o registo ideológico do Estado Novo. A análise sociológica incide sobre as lógicas e os efeitos sociais, e acima de tudo urbanos, de semelhante programa, bem como